

A PESQUISA E O ENSINO DE GRADUAÇÃO: ARTICULAÇÕES REALIZADAS NA DISCIPLINA DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO NA ESFERA EDUCACIONAL I

VANESSA REGINA DE OLIVEIRA MARTINS

Universidade Federal de São Carlos

vanymartins@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho problematiza a importância do envolvimento de estudantes de graduação em projetos de pesquisas e de extensões, coordenados por docentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A proposta busca apresentar resultados favoráveis na ação interativa entre pesquisa e ensino realizadas através da disciplina de tradução e interpretação na esfera educacional I, do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP). A vivência na disciplina foi articulada pela docente, proponente desta comunicação, por meio da pesquisa que coordena com título, “Reflexões sobre a educação bilíngue de surdos em escolas inclusivas nos anos iniciais do ensino fundamental”, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Paulo (FAPESP), processo nº 20180/08930-0, articulando-a disciplina descrita acima. O desenvolvimento da disciplina se deu a partir da metodologia ativa na qual o estudante compõe e constrói o currículo disciplinar no processo de estudo e de modo dinâmico. Os alunos foram levados a pensar no cenário social de sua futura atuação profissional (Tradução e Interpretação da Libras para a Língua Portuguesa em contexto escolar), por meio de casos reais, observados e construídos no processo de pesquisa e levados para reflexão em sala de aula. Os estudantes atuaram nos casos apresentados, os quais tratavam de pontos da educação inclusiva de surdos. A atuação aconteceu com a inserção e intervenção ativa dos alunos do TILSP na construção de um produto que foi posteriormente usado no cotidiano da escola inclusiva. Os resultados desta proposta mostraram um maior envolvimento dos estudantes na disciplina, com maior afinco na construção de um produto de tradução com funcionalidade real para o público surdo infantil. A hipótese é que tal envolvimento se deu porque foram levados a refletir sobre sua futura formação, de modo a colocar em prática os conteúdos trabalhados teoricamente.

Palavras-chave: Educação de surdos; Formação de intérpretes de Libras; Metodologia ativa, Ensino e Pesquisa.

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta, por meio de uma experiência compartilhada, modos de promoção de um maior envolvimento dos estudantes de graduação nas disciplinas vinculadas à sua grade de formação. Para esse movimento o texto possibilita a reflexão sobre a importância da vinculação de estudantes de graduação em projetos de pesquisas e

de extensões nos quais os docentes de seus cursos estão envolvidos, refletindo a aplicação real dos conteúdos trabalhados durante o processo dedicado à formação na área escolhida. Esse movimento favorece ao aluno conhecer dados reais sobre o campo de trabalho que almeja atuar. Essa escrita, portanto, busca apresentar resultados favoráveis na ação interativa entre pesquisa e ensino, por meio da discussão de algumas práticas, com intervenções reais no campo de atuação futuro dos estudantes, realizadas através da disciplina de tradução e interpretação na esfera educacional I, do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e Língua Portuguesa (TILSP)¹.

A vivência prática na disciplina foi articulada pela docente, proponente desta comunicação, por meio da pesquisa que coordena com título, “Reflexões sobre a educação bilíngue de surdos em escolas inclusivas nos anos iniciais do ensino fundamental”, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Paulo (FAPESP), processo nº 20180/08930-0. A ação metodológica de participação ativa, desenvolvida por meio de casos reais, para intervenção dos estudantes, no contexto da educação bilíngue de surdos, contribuiu significativamente para a qualidade da produção final e avaliativa de um material de ensino (tradução em vídeo-gravação de fábulas de Esopo, do português para a Libras). Esse produto foi usado em uma das escolas, objeto de estudo da pesquisa da docente. Já que há carência de materiais didáticos em Libras (LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016), a escola pode usufruir deste recurso didático¹⁵ produzido na disciplina. A análise posterior com os estudantes do TILSP, sobre o modo de recepção pelos alunos surdos, do material traduzido da fábula “O leão e o ratinho”, mostrou a necessidade da ampliação de produção destes materiais, uma vez que houve grande envolvimento dos alunos no processo de visualização do vídeo. Como os alunos surdos da unidade escolar estão em processo de aquisição da língua de sinais, pensar na tradução do Português para a Libras, bem como o uso de vocabulários e modulações da linguagem para facilitação deste processo, é tarefa importante para os intérpretes e tradutores que terão contato com alunos da educação infantil e do ensino fundamental. Trevisan (2019) fazendo uma análise sobre o processo de avaliações na educação básica apontou que há certa escassez de materiais institucionais em Libras e que a falta de conhecimento específico dos variados gêneros na língua de sinais, pelos estudantes surdos, favorece a aparição de barreiras educacionais para

¹⁵ Doravante apenas **TILSP** para a nomenclatura do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa; e **Libras** para a nomenclatura da Língua Brasileira de Sinais.

o posterior ingresso destes no ensino superior. A pesquisa ainda apresentou a necessidade de contato, dos surdos, na educação básica, com variados gêneros textuais em Libras (TREVISAN, 2019). Tal acesso textual, para o estudante surdo, tem se dado por processo tradutório, carecendo de maior atenção, desenvolvimento e estudo nessa direção. Esse é um dos cenários e de campos de atuação de nossos futuros formandos do curso TILSP. Ainda sobre o trabalho de conclusão de curso feito na Universidade Federal de São Carlos por Trevisan (2019), tendo sido produzido no mesmo curso em que tecemos estas reflexões, a pesquisadora aponta dados sobre as entrevistas realizadas com adultos surdos e menciona que:

Outra questão apontada pelos participantes e que buscamos refletir foi em relação à formação de conceitos e, baseando-nos nas ideias de Vygotsky, observamos que a mediação e o acesso aos conhecimentos estão se mostrando precários nas escolas e em espaços sociais e familiares de socialização. Com isso discutimos a falta de repertório conceitual e como este fato é mais uma carência da educação básica e que as línguas de sinais possibilitam a produção de conceitos da mesma forma que as línguas orais. Esta questão levou-nos, ainda, à discussão sobre a falta de glossário em Libras de áreas específicas, o que está diretamente relacionada à formação de conceitos, já que os termos de áreas específicas ainda estão sendo construídos e aprofundados e isso foi mencionado tanto na fala do participante quanto de pesquisadores da área da surdez (TREVISAN, 2019, p. 63-64).

A falta de repertório linguístico para a apreensão conceitual se dá pela falta de investimento na língua de sinais no interior das práticas escolares e da necessidade de seu real empoderamento enquanto língua de instrução educacional. Esse dado revela novamente a urgência de criação e divulgação de materiais em Libras no espaço escolar. A atividade mencionada contribui significativamente tanto para pensar na atuação futura dos estudantes do curso TILSP, como para a equipe escolar (professores e alunos surdos) e alunos surdos da escola inclusiva alvo da pesquisa. Verificou-se a necessidade do investimento da escola na produção de materiais desta natureza. Outra ação estabelecida por meio da parceria (disciplina e pesquisa) foi a realização de um evento feito em língua de sinais, oportunizando aos estudantes do TILSP, matriculados na disciplina de Tradução e Interpretação na Esfera Educacional I, o contato com crianças surdas. Tiveram, além da produção de material didático em Libras, a vivência de contação de história para o público infantil surdo – foco dado pela disciplina. A construção deste evento bilíngue, na associação de surdos de São Carlos (Libras/Língua Portuguesa), direcionada aos alunos

surdos do ensino fundamental I, e ofertada pelos estudantes do segundo ano de formação em TISLP, possibilitou fazer uso da língua de sinais pensando especificamente nos jargões e funcionamento desta no universo infantil. Ações dessa natureza, da interação entre universidade e espaço social real, favorecem tanto o desenvolvimento dos estudantes e preparo para a realidade profissional futura, como para a sociedade que necessita do conhecimento produzido pela universidade.

1. CENÁRIO ATUAL DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vemos uma crescente atual na discussão sobre a acessibilidade educacional das pessoas público alvo da educação especial, sobretudo para a área da surdez. Em 2017 a temática voltada à educação de surdos e acessibilidade ganhou visibilidade, sendo tema de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Não é à toa que jovens e adolescentes, em busca de uma vaga em universidades públicas, tiveram que refletir e delinear argumentos sobre o tema, “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”, tão complexo e que se impõe cotidianamente nas ações teórico-práticas de nossas instituições de ensino. A repercussão social e visibilidade dada à temática refletem as tensões fortes e ainda presentes no sistema escolar (de modo geral), tanto em torno da falta de preparo e desconhecimento dos estudantes, quanto dos docentes ouvintes que lecionam para este público e pouco sabem acerca da língua de sinais e das questões gerais que abrangem a educação de pessoas surdas. É importante salientar que a inclusão de surdos, para além de outras diferenças que devem fazer parte da realidade escolar e ser pauta da reflexão sobre a prática inclusiva, é uma realidade de luta constante. O processo inclusivo de estudantes surdos é difícil de ser feito pelas questões linguístico-culturais que ele mobiliza, tanto na produção mió, no interior de escolas, quanto na consolidação de políticas macro que atingem a formação de docentes bilíngues e intérpretes educacionais. Tudo isso implica na dificuldade de promoção de um currículo escolar bilíngue, tendo a Libras como língua de instrução e produção de conhecimentos. Com a legislação voltada à acessibilidade comunicacional e o reconhecimento da língua de sinais como língua de instrução, a escola passa a enfrentar um desafio ainda maior, a saber, o de transformar políticas linguísticas bilíngues (Libras/Língua Portuguesa) em políticas educacionais efetivas (BRASIL, 2000, 2002, 2005, 2015). A lei brasileira de inclusão (LBI) (BRASIL, 2015), proposta dez anos após a regulamentação da língua brasileira de sinais (Libras) (BRASIL, 2005), ainda necessita afirmar, em seu artigo IV, do capítulo IV, o direito à educação diferenciada linguisticamente aos surdos. Aponta que o sistema educacional deve

dispor de “oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (BRASIL, 2015).

Embora o Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) já defendesse a abertura de salas bilíngues e de um ensino com instrução na Libras, tal oferta não tem sido promovida em muitos municípios. E ainda, há um desacordo entre as propostas consolidadas em algumas escolas inclusivas e aquilo que a comunidade surda de fato almeja (CAMPELLO; REZENDE, 2014). As demandas surdas se voltam para ações que vão além da oferta e inserção de intérpretes de língua de sinais educacional, como mediador dos conteúdos curriculares, em salas de aulas comuns (LODI; LACERDA, 2009; LODI, 2013; MARTINS; LACERDA, 2014, 2016; LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016; MARTINS, 2017). Reivindicam, portanto, a emergência de outra política de condução da vida escolar dos surdos, com a presença de educadores surdos, educadores bilíngues, contribuindo a partir de suas experiências de vida e de lutas, na escolarização dos surdos, e ainda, alterações curriculares numa proposta efetivamente bilíngue. Com isso não se nega a necessidade da atuação e contratação de tradutores e intérpretes, mas entende que fazer um espaço inclusivo bilíngue requer reorganizar também os modos de avaliações, produções de materiais didáticos e a adoção de mudanças curriculares que valorizem a entrada e consolidação da língua de sinais e as questões ontológicas que constituem os sujeitos surdos. A afirmação e contra- movimento na direção de ações que envolvam o desejo do público surdo, seria o que Foucault (1979) defendeu como movimento de resistência por meio das lutas para a aparição de “vozes locais” (vozes das minorias), contra o silenciamento produzido pelas verdades únicas (fabricadas pelas lógicas hegemônicas), na manutenção de uma racionalidade que se quer fazer imperar.

O problema político essencial para o intelectual não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados à ciência ou fazer com que sua prática científica seja acompanhada por uma ideologia justa; mas saber se é possível constituir uma nova política da verdade. O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade. (FOUCAULT, 1979, p. 14 – aspas do autor).

Sobre as divergências de posições nas práticas inclusivas, Lodi e Albuquerque (2016) afirmam serem elas fruto da manutenção (das políticas públicas) de uma perspectiva de inclusão que tem favorecido mais as trocas sociais em detrimento das linguísticas.

Quando voltamos à atenção especificamente na educação de surdos notamos a tensão sobre o espaço educacional favorável para o ensino de surdos, a presença ou não de ouvintes nas salas bilíngues e a afirmativa de que o ensino deve se dar diretamente em língua de sinais, não sendo efeito de processo tradutório com intérpretes educacionais. Destaca-se que essa fragilidade no olhar do aspecto e na singularidade da língua e cultura deste grupo minoritário desfavorece as ações que se pretendem ser inclusivas:

[...] ao se olhar para a educação de surdos em nosso país, observam-se duas maneiras bastante divergentes de se compreender a forma como esta deve ser organizada. De um lado, aquela prevista pela Declaração de Salamanca e pelo Decreto 5.626, documentos que, por reconhecerem o direito e a diferença linguístico-cultural dos surdos, dispõem sobre uma educação pensada para esta minoria em Libras. De outro, aquela defendida pela atual Política Nacional de Educação Especial, que atribui, de forma velada, caráter instrumental à Libras, ao constituir um discurso que aceita a circulação desta língua no interior da escola por meio da presença de tradutores e intérpretes de Libras em todos os níveis e etapas educacionais, sem questionar a importância desta língua e de uma educação realmente construída a partir dela para os estudantes surdos (LODI; ALBUQUERQUE, 2016, p. 47).

Nesse cenário descrito em que há tensões sobre o que se tem entendido, nas leituras políticas, sobre a inclusão de surdos e o que efetivamente a comunidade surda almeja, temos ainda a problematização acerca dos espaços restritos de uso e interlocutores em potencial para o processo de aquisição da língua de sinais. Como a maior parte das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, agregada a falta de políticas linguísticas que incentivem espaços e ações que favoreçam o aprendizado da Libras nos primeiros anos de vida das crianças surdas, muitas chegam na escola sem essa apropriação linguística. É na escola que esse aprendizado se inicia diante da necessidade de uma língua, sem impedimento orgânico, como a Libras é para o público surdo, de modo que os conteúdos possam por meio dela serem trabalhados (MARTINS, 2017, 2019). Essa contextualização social e educacional é conteúdo da disciplina de Tradução e Interpretação na Esfera Educacional I, a qual é teorizada, todavia, a intervenção prática, na produção de materiais didáticos para a escola e a vivência no evento de contação de história, foram ações que possibilitaram tatear o campo futuro de atuação, fazendo a prática um campo de problematizações teórica coletiva.

2. METODOLOGIA

O fazer pesquisa, para a concepção aqui adotada, tem sido a ação de inserção do pesquisador no espaço social real. Essa inserção possibilita eleger aspectos cotidianos potentes que agenciam problematizações para o adensamento e estudo sobre dada realidade, a saber, para a pesquisa mencionada, a educação de pessoas surdas e o ensino na direção para a formação de tradutores e intérpretes de Libras. As reflexões sobre a interação entre pesquisa e ensino, na experiência mencionada, se dão por meio de uma análise qualitativa de cunho teórica, na qual a entrada em campo (pelo pesquisador com os materiais feito pelos estudantes), mais as questões postas no ato do ensino, por meio da mediação entre escola e universidade, possibilitaram esta comunicação.

A disciplina dada de Tradução e Interpretação na Esfera Educacional I tem um total de 60 horas de ensino, sendo: 30 horas teóricas e 30 horas práticas. Foram direcionados estudos sobre a conceituação da inclusão para a educação, os dilemas na educação de surdos na educação infantil e anos iniciais, distinções sobre papel e função do intérprete educacional e os aspectos pedagógicos que concernem à sua atividade. As atividades práticas envolveram oficinas de interpretação no espaço escolar, produção de materiais para o ensino fundamental, uso deste em salas bilíngues de escolas municipais para análise de sua recepção. A disciplina também oportunizou uma vivência de contação de histórias para as crianças na educação infantil, já que tem o compromisso de reflexão sobre a atuação do intérprete na educação básica. Para este trabalho as análises se concentrarão nas práticas das duas atividades (antes, durante e depois) trazendo alguns dos resultados tanto do material criado pelos estudantes na disciplina (tradução em Libras e vídeo-gravação de fábulas de Esopo), quanto na intervenção feita para as crianças surdas na associação de surdos de São Carlos (mostra do vídeo traduzido, “A menina bonita do laço de fita”). Os alunos, portanto, construíram mídias com imagens complementares as fábulas e a história infantil, favorecendo a interação dos alunos surdos, tanto na escola investigada, quanto na associação de surdos. Para isso, fizeram o estudo prévio da tradução, a filmagem e a edição dos materiais.

3. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados da atividade aqui compartilhada, notou-se um maior envolvimento dos alunos do curso TILSP na disciplina, uma vez que o produto dela não foi apenas algo interno à própria disciplina, mas uma devolutiva social real, com funcionalidade efetiva. Houve interação dos estudantes com o público surdo do qual a disciplina almejava atingir.

Esse comprometimento com a “vida” e com sujeitos reais favoreceu a qualidade de produção das mídias, além de possibilitar uma reflexão teórica mais rica. Isso se deu porque houve aproximação dos estudantes com as tensões e cenários atuais de materialização das práticas inclusivas, tanto no âmbito educacional, quanto no que concerne ao processo de aquisição tardia da língua de sinais por crianças surdas.

A vivência prática possibilitou aos alunos indagarem sobre o uso da língua de sinais por crianças, já que não é algo que os mesmos tenham acesso na universidade. Como os alunos tem contato diário com professores surdos foram apontadas, pelos alunos do TILSP, as diferenças perceptíveis de interação entre públicos adultos e infantis. Essa ação só foi possível porque a docente tem pesquisa em desenvolvimento em escolas bilíngues o que favoreceu a mediação de materiais produzidos na disciplina, apresentação e uso na escola e devolutiva aos estudantes do curso TILSP, com filmagem da recepção dos alunos surdos. Houve um maior adensamento nas discussões teóricas de sala de aula, já que os alunos puderam ter contato com dados do cotidiano da escola bilíngue, bem como observar a interação das crianças com as mídias, com falas dos sujeitos sobre o que o material favoreceu ou necessita ser melhorado.

Segue trecho da produção final do vídeo “A menina bonita do laço de fita” usado na vivência na associação de surdos de São Carlos, que também só ocorreu pelo contato da docente na unidade bilíngue deste município com atividades de pesquisa e extensão comunitária.

Imagem 1: Produto final de um dos grupo da disciplina



Fonte: Recorte de vídeo feito pela docente

O vídeo e a intervenção na associação de surdos compõem parte da avaliação da disciplina. Os alunos fizeram tradução de histórias infantis e após apresentação coletiva e análise foi feita uma votação para eleger a mídia que agregava mais pontos favoráveis para a atividade de intervenção com as crianças. Para a votação foi levado em consideração: recursos imagéticos, sinalização e uso de linguagem mais acessível para crianças surdas em fase de aquisição, tamanho da janela, edição do material, entre outros elementos. Campello (2008) apresentou a ação das descrições imagéticas no processo de uso da língua de sinais como característica importante no processo tradutório:

[...] dentro da especificidade da estrutura icônica, a transferência de tamanho serve para representar o signo visual independentemente do tamanho que seja, que pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sentimental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor, [...] pequeno, etc. e as formas podem ser configuradas de acordo com as características físicas, dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes [...]. (CAMPELLO, 2008, p. 213)

Assim a atividade tradutória envolve para o aluno a compreensão do texto em português, a apreensão das imagens, estudo do processo da descrição em seu discurso em Libras, a análise do público ao qual o material se destina, o tempo e velocidade da tradução que vai ser realizada em Libras. São tópicos que aparecem em qualquer atividade tradutória, mas que a intervenção prática real oportunizou a experiência de contato com o público surdo infantil, na medida em que tinham acesso e faziam uso deste produto

construído pela disciplina. É nesse sentido que se afirma a positividade deste tipo de prática na qual o aluno produz com o professor o currículo, o estudo e tem de fato participação ativa na disciplina. Para finalizar essa comunicação e alguns dos resultados da experiência, apresentamos a imagem da recepção das crianças surdas e uma das unidades escolares inclusivas bilíngues:

Imagem 2: Interação das crianças surdas com a fábula traduzida



Fonte: Registro da pesquisadora em escola inclusiva bilíngue

A imagem 2 é resultado da intervenção escolar produzida pelo intercâmbio da tradução imagética da fábula estudada em Libras - atividade realizada em sala de aula no curso TILSP. Houve anteriormente à atividade, a construção de sentido da proposta trazida pela professora bilíngue e negociada com os estudantes do TILSP pela docente. Esse percurso foi fundamental para a contextualização do cenário escolar e a produção final do material, na língua de sinais. Foi possível verificar a atenção, interação dos alunos, bem como a necessidade de investimento em mais práticas nessa direção, haja vista a atenção dos alunos surdos que ficaram “vidrados” no material. Como consideração final para o momento, temos o indicativo de ampliação de metodologias ativas que tragam reflexões teóricas de dados da realidade aos estudantes de graduação e pensamos que a aproximação entre pesquisa, extensão e ensino é algo que favorece essa construção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.C. de A. **Uma heterotopia pedagógica**: práticas bilíngues com alunos surdos em salas multisseriadas. Dissertação de mestrado em educação. Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs). Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm
Acesso em: 07/01/2019.

_____. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/CCIVIL/LEIS/2002/L10436.htm>.
Acesso em: 07/01/2019.

_____. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm.
Acesso em: 07/01/2019.

_____. **Lei n. 13.005, de 25 de jun. de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 19/04/2016.

_____. Lei Brasileira de Inclusão. **Lei N ° 13.146 de 06 Julho de 2015**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 15/01/2019.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>
Acesso em 07/05/2017.

_____. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Coordenação de Edições Técnicas – Senado Federal, 2017. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf Acesso em: 17/01/2019

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, R. M. de; PELIN, G. (orgs). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007, p. 100-131.

_____. Pedagogia Visual na Educação dos Surdos. 2008. Tese doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CAMPELLO, A.R.; REZENDE, P. L.F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/d5aE5q>. Acesso em: 15/10/2019

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LACERDA, C.B.F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Campinas: Caderno Cedes. Ano XIX, nº 46, setembro, 1998.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; MARTINS, V. R. O. (Org.). **Escola e diferença: caminhos para a educação bilíngue de surdos**. São Carlos: EDUFSCar, 2016.

LODI, A.C.B. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 39, p. 49-63, 2013.

LODI, A.C.B. & LACERDA, C.B.F.de (Orgs). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LODI, A.C.B.; ALBUQUERQUE, G.K.T.S. de. Sala Libras Língua de Instrução: Inclusão ou Exclusão Educacional/Social? In: LACERDA, C.B.F. de; SANTOS, L.F dos; MARTINS, V.R.O. (orgs). **Escola e Diferença: caminhos da educação bilíngue para surdos**. São Carlos: Edufscar, 2016.

LOPES, M.C.; VEIGA-NETO, A. Acima de tudo, que a escola nos ensine. Em defesa das escolas de surdos. **Educação Temática Digital (ETD)**, v.19, n.4, p. 691-704, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8648637> Acesso em: 30/10/2017.

MARTINS, V.R.O; LACERDA, C.B.F. de. Letramento e Surdez: de qual concepção de linguagem estamos falando? IN: OLIVEIRA, A. A. S; POKER, R.B.; OLIVEIRA, F.I.W. de; MARTÍNEZ, Y.M. (Orgs). **Prácticas Pedagógicas em Educación Especial: hacia una Escuela Inclusiva**. Universidad de Alcalá, 2014, pp. 209-226.

MARTINS, V.R.O; LACERDA, C.B.F.de . Educação inclusiva bilíngue para surdos: problematizações acerca das políticas educacionais e linguísticas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 21 n.2, 2016. pp 163-178. Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/3277/2286> Acesso em: 05/09/2019.

MARTINS, V. R.O. **Posição-mestre: desdobramentos foucaultianos sobre a relação de ensino do intérprete de língua de sinais educacional**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP, Campinas/SP, 2013.

MARTINS, V.R.O. **Educação inclusiva de surdos com proposta bilíngue: formação e reflexão das estratégias tradutórias e pedagógicas na atuação de intérpretes educacionais**. Relatório final de pesquisa enviado à fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP) com processo nº 2015/09357-4. São Paulo: FAPESP, 2017.

MARTINS, V.R.O. Relatório parcial de pesquisa com título **Reflexões sobre a educação bilíngue de surdos em escolas inclusivas nos anos iniciais do ensino fundamental** enviado à fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP) com processo nº 2018/08930-0. São Paulo: FAPESP, 2019.

RAMOS, A.S. **Alfabetização e letramento e as interfaces da educação bilíngue de surdos**. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Universidade Federal de São Carlos, 2017.

TREVISAN, S.F. **Enem em libras e a avaliação na educação básica pelo olhar dos surdos**. Trabalho de Conclusão do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2019.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.